

ESTADO DE GOIÁS
POLÍCIA MILITAR
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
DIVISÃO DE ENSINO

Recrutamento Montado nos Grandes
Centros: Sua Eficiência e Eficácia

Oficial-Aluno: Raimundo Jorge C. Loureiro

MONOGRAFIA CAO-93

Goânia, GO, 1993

RAIMUNDO JORGE TAVARES AMPUERO - CAP-PMPA

POLICIAMENTO MONTADO NOS GRANDES CENTROS: SUA EFICIÊNCIA E EFICÁCIA

Trabalho Técnico Profissional apresentado como exigência do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), pela Academia de Polícia Militar do Estado de Goiás, sob a orientação da Profa. Jaqueline Lopes Gonçalves.

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

GOIÂNIA - 1993

DEDICATÓRIA

À

Minha esposa

e

A meus filhos

que muito contribuíram pa
ra que esse trabalho fosse
realizado.

PENSAMENTOS

"Os homens admiram a altura dos montes,
as imensas ondas do mar, as vertiginosas correntes
dos rios, a latitude interminável do oceano, o curso
dos astros, e se esquecem do muito que têm de
admirar em si mesmos".

(Confissões de Santo Agostinho)

"Declaram-se únicos sábios... nada sabem
com certeza... Mas, como nada sabem, pretendem
tudo saber".

"Elogio da Loucura"

(Erasmus de Rotterdam)

Onde encontrar no mundo nobreza

sem arrogância

Amizade que não seja inveja ,

bem sem vaidade?

A graça ali se alia à potência

e a força se faz doçura;

se no combate é lealdade,

Sua fidelidade não é jamais escrava

Nossa história é lida em seus passos;

Se nós somos seus herdeiros,

ele é sua única herança:

O CAVALO

S U M Á R I O

- INTRODUÇÃO.....	06
I - HIPISMO - VISÃO GERAL.....	09
II - ADESTRAMENTO - A RELATIVIDADE DOS PROCESSOS DE ADESTRAMENTO.....	15
III - AS PATRULHAS MONTADAS NO POLICIAMENTO.....	23
IV - INFORMAÇÕES: IMPORTÂNCIA NAS OPERAÇÕES.....	26
V - TRANSPORTE E COMUNICAÇÕES.....	29
VI - NECESSIDADE DE MANUTENÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DE TROPA DE CHOQUE.....	31
VII - EFICÁCIA E EFICIÊNCIA DO POLICIAMENTO MONTADO.....	33
1. Eficácia.....	33
2. Eficiência.....	34
VIII - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO.....	36
IX - PROPOSTAS.....	38
- CONCLUSÃO.....	40
- BIBLIOGRAFIA.....	43

I N T R O D U Ç Ã O

No início os homens caçavam com os quais dividia o planeta. Depois tratou de prendê-los e por fim de domesticar aqueles que podiam ajudá-lo no trabalho ou fornecer-lhe alimento. O cavalo foi o primeiro desses animais no qual a raça humana reconheceu uma "personalidade"-provavelmente em vista do poder que conferia a seu dono.

Assim, pretende-se esclarecer nesta pesquisa as diversas atividades exercidas pelo cavalo em relação ao policiamento montado.

Embora possuam regras e funções diferenciados, esta modalidade é bastante interligada, pois o animal é sempre o mesmo: o cavalo.

O Policiamento Montado vem sendo executado há mais de séculos e já está consagrado, em virtude da valiosa ação preventiva e repressiva que exerce nas áreas urbanas e, principalmente, periféricas urbanas onde, pelas dificuldades de acessos, a vigilância é escassa e por vezes nulas.

O que se pretende mostrar durante o trabalho é uma pequena abordagem de como o lançamento do policiamento a cavalo nas áreas operacionais, pertencentes ao CPM e CPI significa uma evolução na concepção de Policiamento Ostensivo, como ênfase à segurança subje-

tiva e não um retrocesso no tempo, conforme "pseudo-pensadores " mal informados.

De início, aborda-se os custos de implantação e manutenção de uma unidade de cavalaria, as vantagens e desvantagens do tipo de policiamento a cavalo, sem se esquecer das necessidades atuais dessa Unidade Operacional que enfrenta sérias dificuldades em manter sua estrutura em condições de produzir segurança, pois a carência de meios faz com que, a cada dia que se passa, o seu trabalho se torne mais difícil, podendo num futuro bem próximo entrar em colapso por falta de homens capacitados, animais, viaturas e outros equipamentos necessários ao cumprimento de sua missão.

Na medida do possível, procura-se defender a tese da vitoriosa idéia do lançamento do Policiamento Ostensivo no processo montado, no centro e demais bairros da capital e algumas cidades do interior do Estado, utilizando-se do "know how" adquirido na corporação e outras coirmãs.

Serão defendidas as causas relacionadas com o desempenho do Policiamento Ostensivo Montado, tentando acabar de vez com idéias errôneas partidas de Policiais Militares e Políticos Modernistas de que, o processo de policiamento neste trabalho, deve ser não só nos centros das grandes cidades, mas também, nas periferias. A missão do RP Mon vem sendo dificultada, pois sempre encontra-se obstáculos nas obtenções de recursos materiais e humanos para a execução da importante tarefa da unidade PMGO, mesmo estando sobejamente provado que a segunda maior necessidade básica da sociedade atual é a segurança.

O policiamento desenvolvido pelo RP Mon tem contribuído e poderá contribuir ainda mais para que seja mantida a segurança da comunidade pelo menos em níveis suportáveis. Daí a relevância do assunto problema do nosso trabalho.

O policiamento montado é apenas mais um dos diversos instrumentos de que a corporação se utiliza para promover segurança

e não um concorrente para os outros processos correlatos, vindo so mente a somar esforços que, unidos aos demais existentes, promovem o bem-estar de nossa comunidade no tocante à sua defesa contra a marginalidade.

Junto ao público externo, especialmente procura mostrar o trabalho que irá proporcionar no campo da segurança, de que tanto a nossa sociedade almeja.

I. HIPISMO - VISAO GERAL

A equitação é uma arte em que nunca se atinge a perfeição, e na ânsia dela reside, por isso mesmo, o seu maior encanto: em que só aquele que perdeu a faculdade de aprender, conseguir alcançar resultados brilhantes, embora muitas vezes os processos que empregam não sejam os que melhor estão de acordo com as demonstrações científicas.

Outrora, a equitação estava quase em absoluta, subordinada à regras variáveis e contraditórias, completamente à mercê da fantasia, desenvolvimento pessoal do cavaleiro e até mesmo da moda, pois tem havido modas no equitação quase como nos chapéus dos senhores' e nas idéias do homens. Devendo adaptar-se ao gênero de utilização do cavalo próprio de cada época e de cada país, a arte equestre tem evoluído e progredido com a civilização e modernamente os processos científicos, com os seus novos meios de investigação, em especial a documentação fotográfica e cinematográfica ao mesmo tempo que alteram opiniões e práticas consideradas como indiscutíveis durante longos anos, permitiram pôr de parte um certo número de juízos ou conceitos verdadeiramente empíricos e estabelecer algumas regras ao abrigo de erros, facilitaram enormemente o seu estudo e a sua aprendizagem.

O cavalo não é um aparelho que possa ter qualquer analogia

com a bicicleta ou com o automóvel, uma espécie de instrumento que obedeça dócil e servilmente às mãos ignorantes de qualquer condutor improvisado em meia dúzia de dias; o cavalo não é uma máquina inerte, é um ser vivo, dotado dum sistema nervoso, sanguíneo e cerebral, com vontade própria, com sensibilidade e memória prodigiosa, um ser caprichoso, com variável de indivíduo para indivíduo, como um todo sujeito às leis da natureza, variáveis umas, imutáveis outras.

E, exatamente porque cada cavalo representa uma individualidade que é consequência dum moral e de condições físicas diversas, exatamente porque o cavalo não abdica imediata e servilmente da sua liberdade e da sua vontade para se submeter às exigências do homem, indispensável se torna o estudo da psicologia animal, da mecânica, da filosofia, dum certo número de regras estabelecidas pela prática e confirmadas pela ciência, para o utilizar em boas condições ou para se abordar, com probabilidade de êxito, o ensino dum ente tão variável e caprichoso.

É indiscutível que a solidez a cavalo se pode obter intuitivamente ao cabo duma certa prática e, sobretudo, montando na dificuldade; mas isto não significa que uma longa prática de andar a cavalo seja motivo suficiente para se montar bem, pela mesma razão que um sapateiro não é bom apenas porque levou a vida inteira a deitar tombos nas botas, ou é um grande clínico médico que durante muitos anos se fartou de matar doentes que tiveram a desdita de lhe cair nas mãos. A prática nem sempre faz o mestre; se aperfeiçoa qualidades, também muitas vezes agrava os nossos defeitos. Há muita gente que, ao atingir certo grau de proficiência, nunca melhora em qualquer arte, pois continua a praticar erros e só nestes logra progredir.

Manejar habilmente ou ensinar artisticamente um cavalo são problemas que não se resolvem apenas por intuição, sem outro auxílio que o da prática instintiva; para os resolver satisfatoriamente, é necessária uma aprendizagem conscienciosa, mesmo para aque

le que são naturalmente dotados com grandes aptidões.

Se a primeira condição para ensinar um cavalo é montar bem, se a prática bem orientada é inquestionavelmente o grande mestre mestre em equitação, se é ela que, por excelência, educa os reflexos do cavaleiro e os coloca em estado de atuarem com propósito, precisão e delicadeza, se é ela, sobretudo, que dá bons executantes, para formar instrutores ou professores conscensiosos e competentes, é absolutamente indispensável o conhecimento da base científica, um grande trabalho de análise e de reflexão.

Todos os officias de cavalaria que são realmente cavaleiros reconhecem que a instrução eqüestre dos soldados é deficiente. Sempre assim foi, diga-se em abono da verdade, mesmo nos tempos em que a escola de recrutas tinha a duração de seis meses e em que o cavalo era a principal arma da Cavalaria.

Para fazer cavaleiros dignos desse nome, isto é, homens sólidos a cavalo, capazes de manejar facilmente a montada e de combater à arma branca, é necessário calma, tempo, uma doutrina e um método, cavalos bem ensinados e bons instrutores, conhecedores do seu officio, na verdade, não se pode afirmar que estes requisitos sejam completamente satisfatórios entre nós.

Os processos de instrução em uso desde tempos imemoriais, são tudo quanto há de mais empírico, rotineiro e brutal, pois tem por base o abuso do trote sem estribos e os trambulhões.

Não temos uma doutrina nem um método de equitação. Existe de fato, um regulamento bastante antiquado, já cheio de cabelos brancos, mas que ninguém lia ou praticava mesmo nos tempos em que era moderno.

Faltando-nos um corpo de doutrina que constitua uma espécie de caticismo ou evangelho para os instrutores, todas as extravagâncias e atrevimentos permitidos e cada uma colocação dos homens a cavalo difere de unidade para unidade e, às vezes até de esquadrão para esquadrão.

Como o número de bons instrutores da especialidade é mui-

to reduzido, predomina a escola de equitação infernal da linha re-
ta e da meia bola e força, a escola dos estribos para cima com va-
lentes dores de chicote e numerosas quedas à mistura. É, afinal de
contas, a escola em que todos nós aprendemos e por isso não é de
admirar que os homens não estejam bem a cavalo.

Nunca se ligou entre nós a este ramo da instrução a impor-
tância que merece, existiu sempre a convicção de que bastava ter
alguma solidez a cavalo e fazer cair muitas vezes os alunos, para
ter a categoria de mestre de equitação. A brutalidade foi sempre,
entre nós, um elevado diploma de categoria e de competência eqües-
tre.

O antigo curso de aperfeiçoamento de equitação, modernamen-
te chamado curso de instrutores de equitação, foi sempre mal orien-
tado desde o seu início, porque teve sempre mais uma vista a fazer
cavaleiros e equitadores excepcionais do que propriamente educar
futuros professores. A parte pedagógica foi sempre desprezada, don-
de resultava que os bacharéis em equitação, sendo, em geral, cavalei-
ros magníficos, isto é, bons executantes, não passavam de instruto-
res medíocres.

Ora, ao exército interessa muito mais possuir bons instru-
tores do que uma ou duas dúzias de concursistas internacionais
ou de equitadores excepcionais. E hoje em dia mais do que outrora
porque a duração da escola de recrutas é muito inferior à de ou-
tras épocas passadas, além de que o tempo consagrado à aprendiza-
gem da equitação tem forçosamente que ser mais reduzido do que
era quando a Cavalaria, como arma, dispunha apenas do cavalo, espada
lança e carabina, e não tinha, como hoje tem, necessidade de gastar
muito tempo em ministrar instrução de várias e numerosas especia-
lidades, tais como metralhadoras, morteiros, canhões, etc.

A duração decrescente do tempo de serviço militar e do nú-
mero de horas consagradas à equitação exige o emprego de novos
processos para instruir cavaleiros, para por homens rapidamente a
cavalo. É indicutível que embora não seja possível ensinar aos re-

crutas em três ou seis meses aquilo que os oficiais levam anos a aprender, embora a aquisição de reflexos exija um mínimo de tempo que nenhum decreto ou regulamento é capaz de reduzir, a verdade é que há processos mais racionais, mais rápidos do que os trambalhões e o trote sem estribos, para os ensinar a andar a cavalo.

Conhecer esses processos, saber o fim a atingir e os meios a empregar para obter bons resultados, empregar os exercícios apropriados para corrigir as contrações próprias de cada cavaleiro e os seus defeitos orgânicos, isto é, uma preparação pedagógica que poucos as têm.

Quanto aos professores civis, pode afirmar-se categoricamente que a preparação da sua maior parte, sob este aspecto, é igualmente bastante precária. São, em geral homens que montam bem a quem uma longa prática deu bastante solidez a cavalo, desembaraço e muito tato, mas muitas vezes desconhecedores das bases científicas da equitação e, portanto, incapazes de ministrar o ensino teórico que muito facilita e abrevia a aprendizagem daqueles que não podem consagrar a sua existência à equitação, que dela não fazem um modo de vida.

O ensino eqüestre, desde que seja ministrado a pessoas com alguma cultura, não pode nem deve ser empírico, porque o cavalo não é uma máquina inanimada, é um ser com cérebro, inteligência e vontade própria. É necessário saber dar aos alunos os conhecimentos teóricos essenciais que facilitarão a sua instrução prática e lhes permitirão aprender sem dificuldade as explicações do instrutor.

Se é absurdo pensar que, numa arte essencialmente prática e experimental, é possível reduzir tudo a demonstrações matemáticas, não menos disparatado, é supor que o conhecimento de um certo número de regras e princípios fundamentais, não permitem realizar progressos muito mais rapidamente do que empregando apenas métodos empíricos.

O Estudo da pedagogia eqüestre não exige menos trabalho ,

nem uma soma menor de conhecimentos que o da pedagogia da ginástica e da esgrima. No entanto, o professorado da ginástica e da esgrima, hoje, só pode ser exercido por diplomados. E para exercer o professorado da eqüitação nenhum título é necessário, não são indispensáveis quaisquer diplomas, ao contrário do que acontece, por exemplo, na Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

O professor de eqüitação não pode ser apenas um bom executor. Além do conhecimento minucioso da arte eqüestre, da sua base científica, deve ter qualidades de pedagogo, não no sentido pejorativo em que costumamos tomar este vocábulo tão desacreditado entre nós, tido na acepção vulgar, como sinônimo de balofo e petulante. Deve ser sóbrio de palavras, deve evitar pedantice meridional de falar bem, de exhibir uma oratória balofa, tão freqüente entre nós nos bacharéis safebelitas e desempregados, e também nos dentistas e charlatões das feiras.

A eqüitação no exército não é apenas ensinada a soldados de Cavalaria e por Oficiais de Cavalaria. Até na própria Infantaria do Serviço de Administração Militar e dos Serviços Auxiliares não oriundos da Cavalaria, são instrutores de eqüitação, sem para isso terem recebido qualquer preparação. Este simples fato bastava por si só ao alcance da normal falta de cultura dos recrutas, mas ainda pouca competência dos instrutores.

II. ADESTRAMENTO-A RELATIVIDADE DOS PROCESSOS DE ADESTRAMENTO

Os métodos de condução e adestramento não consideram suficientes a intervenção das forças interiores do animal. Essas forças são capazes de modificar a ação da gravidade e, nos andamentos rápidos, a oscilação dos membros. Os processos da ciência, em particular dos técnicos de filmagem, nos ensinaram que a posição preferida de Baucher, que trabalhava "no lugar", se perde quando o cavalo se coloca em movimento, porque as leis do equilíbrio estático e as da dinâmica diferem. Os antigos métodos de eqüitação ignoravam esse aspecto. Os autores que com ele se preocupavam - como Raabe, Lenoble e Teil e Gossat - não se aprofundaram suficientemente nas questões, sem dúvida, porque o conhecimento científico de sua época não lhes permitia fazê-lo. Na verdade, muitos dos erros da psicologia animal devem-se à ignorância das leis da mecânica. O princípio da igualdade de ação e reação, de constante aplicação na eqüitação, deve estar sempre apresentada no espírito do cavaleiro, para permitir-lhe dosar o efeito de suas ajudas.

Entretanto, se o raciocínio estabelecido sobre bases científicas indiscutíveis é capaz de mostrar as falhas que não devem ser cometidas, as leis da mecânica não podem resolver sozinhas todas as dificuldades. Cavalo e cavaleiro são seres, o inanimado. O estilo, o teto e a arte devem intervir neste último, pois a inteligência não pode compensar a imperícia. Será sua capacidade de sentir o

animal que permitirá ao homem realizar uma escolha judiciousa entre os processos a empregar e o fará compreender porque certo meio, preconizado por um método ou instrutor, fracassou em determinado animal, cuja vontade, seria preciso levar em conta. A personalidade física e moral do cavalo, sua individualidade, serão sempre a pedra de toque de perspicácia e inteligência do cavaleiro.

"Essa individualidade do cavalo, ao refletir sobre isso, percebe-se que não deve aplicar um princípio invariável para atingir um mesmo objetivo, mas sim, utilizar procedimentos diametralmente opostos, seguindo a douformação e o temperamento de cada cavalo" (1). Mas essa relatividade, tão fácil de compreender em teoria, na prática freqüentemente constitui um obstáculo.

Avançando um pouco mais nessa direção, diremos que um mesmo cavalo é adestrado, por uma sucessão de meios aparentemente contraditórios. Já vimos como o emprego de apropriado de recompensar e punições atua sobre o moral, pelas associações que provoca. Do ponto de vista básico, ora reconduzido e submetendo o cavalo à ação das ajudas, ora deixando-o evoluir livremente é que se dá o equilíbrio pretendido, desenvolve-se a elasticidade dos andamentos, a flexibilidade e suavidade de ação de todas as articulações, obtendo-se assim segundo a expressão de Montigny, um cavalo que "se dobre e se descobre" à vontade do cavaleiro.

Alguns exemplos servirão para melhor compreender essas tradições, em meio às quais os infelizes, iniciantes acabam se perdendo. Conhecemos os célebres "sempre assim" (rédeas livres, levantando os polegares) e "nunca assim" (rédeas puxadas) que Bauche mostrou a L'Hotte, que o assistia em seus últimos momentos. (2) Com o cavalo bem posicionado, o iniciante compreenderá facilmente a justi

(1) L'Hotte. Un Officier de Cavalerie. 4 ed., Ed. Plon, Paris, 1906.

(2) Un Officier de Cavalerie. op. cit, p. 256.

ça desse modo de agir,mas,com o animal em disparada,não somente 'aquele preceito ilógico,como ele se convencerá da ineficácia de sua aplicação. Primeiro,como sempre é preciso saber se o caso é o de adestrar ou de utilizar de imediato esse "contemplador de estrelas". No segundo caso,mãos baixas e rédeas separadas à inglesa se necessário com o acréscimo da gomarra - permitirão controlar 'inteiramente o animal através de torsões do punho,sem aproximar 'as mãos do corpo e sempre usando só freios,jamais confiando ape - nas nas mãos. Para o adestrador,valer-se do freio é outro traba - lho de folêgo. De fato, as mãos devem sempre fazer sentir sua ação sobre o freio(de baixo para cima),de maneira que o cavalo a ele responda com uma reação inversa(do alto para baixo). Porém essa ação deve ser instantânea e repetida de acordo com os movi - mentos do pescoço. Ora,esses gestos têm sua máxima a passo e a galope,mesmo quando o cavalo está em disparada. Os andamentos vivos provocam contrações do pescoço do animal,que dificulta mais a aplicação dessas técnicas de abrandamento. Assim não se pode uti - lizá-los no galope. Em contrapartida,o passo apresenta a possibi - lidade de se repetir o exercício freqüentemente,com um mínimo de excitação para o cavalo e um máximo de precisão para o cavaleiro. O fato de elevar as mãos às lantra da nuca do cavalo acabará por provocar a extensão do pescoço,que será preciso acompanhar sem reprimir. O animal apreciará essa liberdade,e conservará o apoio na altura conveniente.

Entre as práticas de adestramento,algumas são boas para cavalos de determinada conformação e indesejáveis para outros. Esta é a razão pela qual deve-se evitar a aplicação indiscriminada' de processos que,com freqüência,decorrem de modismos passageiros. É o caso,por exemplo,das descidas de pescoço tão valorizadas por Dutilh.

O movimento de recuar,que é um excelente meio de abrandamento,deve ser aplicado com discernimento. Embora seja muito praticado com cavalos ativos, ligeiros e sempre prontos a avançar, é preciso usá-lo sobriamente com um animal mais tranquilo,que logo

se negaria a atender a ação impulsiva das pessoas pelo recuo. Se o cavalo for fraco de rins ou de jarretes, este exercício deverá ser praticado inicialmente sem montar, até que essas regiões tenham adquirido um pouco mais de tonicidade. Depois disso, o Cavaleiro poderá montar e exercitar o animal que não oporá resistência perigosa.

É comum um bom cavaleiro, tendo praticado equitação de campo análoga àquela ensinada nos antigos regimentos de Cavalaria, apresentar o louvável desejo de aperfeiçoar-se na equitação superior, nos concursos hípicas, ou ainda aprender o adestramento de um jovem cavalo. A recomendação mais proveitosa em favor desse neófito seria a de controlar suas exigências. O adestramento e o treinamento são operações de grande fôlego - querer andar muito de pressa significa recuar. A repetição de um movimento é um dos melhores exercícios para desenvolver ao mesmo tempo, a memória e os músculos. Entretanto, seus resultados são limitados, do lado moral, pelo nervosismo, impaciência e cólera, ou pelo tédio e inércia e, pelo lado físico, pela sobrecarga cardíaca ou pulmonar, fadiga, intoxicação muscular e tosas.

O ABC do adestramento consiste em colocar o cavalo sob controle da mão, fazê-lo receber o apoio constante das rédeas, inculcando nele a idéia mestra do movimento sempre à frente, em linha reta.

É assim que se conquista sua vontade, pois essa atitude física tem por efeito moral gerar a calma e a submissão. Não é preciso, pois, um trabalho de manejo muito severo ou muito precoce, dado por flexões de maxilar e do pescoço, ou movimentos repetidos, insensatos do treinamento posterior que põem a perder as qualidades de impulsão e retidão absolutamente indispensável para o cavalo, qualquer que seja sua especialidade ou o fim a que se destina. Ora, uma atitude hesitante nesse sentido quase sempre é provocada pela inexperiência do cavaleiro. Ele confunde, por incapacidade para sentir a diferença, um cavalo rápido em liberdade com um cavalo

bem ligeiro,mas obediente à mão. Se,nessa situação abusar das ajudas,sob o pretexto de amaciar o animal,elas apenas o embarcarão ' ainda mais. No final das contas,o cavaleiro terá a impressão desagradável de que o cavalo tenta lhe escapar para todos os lados , tornando seu manejo mais difícil do que o de um potro recém-nascido de uma doma feita.

Como retomar o controle do animal? Primeiramente,com andamentos vivos do picadeiro,alguns galopes curtos(200m) e rápidos , alongados gradativamente para sentir aos poucos o apoio do animal. Ao fim de alguns dias,essas providências iniciais não serão mais tão necessárias e um galope rasante e bem prolongado acabará por obrigar o animal a assumir o apoio elástico desejado. Caso o animal abandone esse apoio,o cavaleiro nada deverá temer se tiver ' que recorrer a novas acelerações.⁽⁴⁾ Vale dizer que durante esse período,deve-se evitar totalmente qualquer trabalho em conjunto.

Se o objetivo visado for um obstáculo,o amador precisará' lembrar que,antes de saltá-lo toda potência,o cavalo deve encontrar seu estilo e seu padrão com pequenos obstáculos. Não será ' saltando vinte obstáculos em fila,mesmo com um potro dotado de real aptidão,que se conseguirá fazê-lo progredir. Se ele for vivo irá excitar-se mais cada sessão,e procurando escapar,saltará de qualquer jeito. Se for de natureza linfática,esse tipo de treinamento sem graduação implicará no risco de torná-lo irritadiço.

Atualmente,em concursos hípicas,ao carregar sobre qualquer obstáculo,o cavaleiro dispõe de muito poucos meios de coerção - nem os melhores cavaleiros estão a salvo de desobediências' inesperadas. Por conseguinte,a única garantia é a boa progressão' extremamente gradual quanto à altura e ao número de obstáculos,só aumentando-os à medida que a habilidade e as condições físicas do cavalo se desenvolverem. Se o esforço for proporcional e estiver' sempre abaixo do limite de suas forças,o animal não perceberá,por

(3). Un Officer de Cavalie. Op Cit.p.331.

assim dizer, o aumento das exigências do homem, e, quando este gradativamente solicitar um pouco mais, responderá com boa vontade. Pode-se imaginar quanto um treinamento desses exige renúncia e paciência de um cavaleiro apressado e ambicioso.

Mas o sucesso será sempre assegurado por meio dessa progressão unicamente persuasiva? Afirmar isso seria desconhecer o instinto do menor esforço, tão vivo no homem quanto no animal. Apesar dos afagos e das precauções, um dia o cavalo tentará se negar à obrigação de saltar. Uma correção severa e merecida deverá devolver-lhe a obediência. O psiquismo do cavalo se revelará tanto mais abatido quanto mais afável se tenha sido sempre com ele, mas não devemos abusar de seu arrependimento fazendo-o saltar, como penitência, um número incalculável de vezes o obstáculo que tiver refugado.

Quando o animal estiver bem confiante sob o cavaleiro, escolhem-se alguns obstáculos um pouco mais difíceis (1,70m) já no caminho de volta, se necessário preparando uma sebe artificial e depois sobrepondo a ela uma barra. Por fim, se tudo voltar ao normal, o cavaleiro se arriscará retornar aos treinos no terreno habitual uma ou duas vezes por semana, num simples passeio de reconhecimento, em saltos. Recomeçar-se então progressivamente, como se fosse um potro, intercalando sempre passeios fora do recinto. Evidentemente, o cavalo ficará fora da temporada de concursos, pois não é em um mês ou dois que se conseguirá novamente a confiança do animal.

Como todas as provas de adestramento para amadores gozam de um enorme prestígio, vejamos, com um exemplo concreto, o que o cavaleiro deve saber sobre o temperamento de seu cavalo quando se entrega ao trabalho de relaxamento preliminar à prova para obter a calma, a atenção e a brilhantismo exigidos por esse gênero de apresentação.

O "homem de cavalo" bem informado saberá levar em conta a personalidade física e moral de cada animal, segundo a aptidão

ao serviço solicitado. Assim, evitará perdas de tempo e dissabores. Não se tem a intenção de fazer aqui um estudo geral sobre os padrões e aptidões. Em primeira mão, deve-se conhecer o standard e as características dos diferentes tipos de cavalo de sela, carruagem e de tiro ou, no mínimo, os tratados de hipologia lhes permitirão apreciar as "belezas" particulares de cada raça. A dificuldade surge somente quando existem no aparelho defeitos, tanto mais temidos quanto menos aparentes, com os quais a máquina pode funcionar convenientemente ou não, e quanto tempo ela poderá suportar um certo trabalho em determinadas condições. O oficial comprador cita algumas comparações: "olhar expressivo e orelhas bem plantadas" dão uma certa personalidade a uma cabeça um pouco pesada. Boa profundidade de tórax e boa altura do peito fazem perdoar uma certa estreiteza deste, e reciprocamente. A cernelha alta projetada bem para trás, a espádua longa e bem sustentada compensa sua falta de comprimento, da mesma forma que o tórax curto, bem musculado e largo pode ser um pouco descido. Bons rins compensam jarretes defeituosas e reciprocamente. A coxa bem descida e musculada perdoa a garupa um pouco curta. A largura e a nitidez das articulações compensam um defeito de apromo- um jarrete aberto para trás é bom se for largo e bem nítido, mas não tem nenhuma qualificação se for estreito, estrangulado ou com taras, sobretudo um tumor. O sangue, o temperamento e a textura mais ou menos densa dos músculos e ossos, entre os quais sempre há uma correlação, permitem revelar certas taras e também um pouco da leveza dos raios inferiores, atribuindo a esses defeitos importâncias apenas relativa.

As compensações enunciadas acima foram estudadas em função do serviço dos cavalos nos regimentos de cavalaria. É evidente que ao se examinar a compra de um cavalo especialista, a escolha se torna mais difícil. O verdadeiro cavalo de alta escola, essa ave rara, deve ter uma distinção natural, muito sangue, sem ser um animal supernervoso. O modelo será, de preferência mais para alto do perda terra.

Adestradores hábeis se dedicam com intuição maravilhosa à

tarefa de se especializar o cavalo no gênero de trabalho para o qual possui uma aptidão natural. L'Hotte salientava como Baucher descobria com rapidez e segurança a predisposição do cavalo, para este ou aquele movimento: o sapateio sugerido por seu extremo nervosismo. Kleber, cavalo inteiro, empinava facilmente; explorando essa disposição em diferentes figuras, seu cavaleiro disfarçava sua falta de recursos. Com Stade, Baucher conseguiu ressembler extremo dos quatro membros, separados por uma distância de aproximadamente 20 cm. Essa aproximação foi-lhe sugerida, disse o General L'Hotte, pela facilidade com aquela égua respondia, desde o início aos efeitos da ação de conjunto sustentada por seus jarretes no posterior e pelas patas dianteiras mal se movendo" (4).

É pela observação contínua que o "homem de cavalo", da cidade ou do campo poderá designar o emprego que mais convém a este ou àquele animal. Um cavalo de influxo nervoso, irá se adaptar muito melhor a percursos de corridas rurais do que a acrobacias de saltos em circuitos fechados.

Além de suas aptidões físicas, cada cavalo tem um temperamento ou um psiquismo que lhe é próprio. O homem deve usar sua inteligência para descobri-lo, a fim de "orientar" o animal que se propõe a educar no sentido de seu emprego adequado.

(4) L'Hotte. Un Officer de Cavalie. Op.cit. p.356.

III. AS PATRULHAS MONTADAS NO POLÍCIAMENTO

Patrulhamento é a atividade móvel de observação, fiscalização, reconhecimento, proteção ou mesmo de emprego da força, sendo o seu fim fundamental causar, no público, a impressão de que a polícia está presente em todas as partes, para que os possíveis delinquentes acreditem que não têm oportunidade de obter êxito algum.

A ação policial militar deve ser flexível, não podendo se prender a padrões rígidos em razão da dinâmica que o policiamento apresenta. Assim, em virtude das disponibilidades de meios materiais e humanos e das características do local de atuação, o efetivo de uma patrulha policial montada poderá sofrer alterações.

O efetivo ideal é de seis homens, constituindo dentro de padrões de organização de tropa montada, uma esquadra devidamente comandada por um graduado. Essa formação, além de manter as características de tropa de choque, de enquadramento, com andamento e emprego massivo, confere à patrulha maior efetivo psicológico e uma maior ostensividade perante a comunidade. Esse efetivo, contudo, poderá ser reduzido até um número mínimo de três homens ou aumentando para dez, conforme as circunstâncias.

O emprego de uma patrulha a três homens pressupõe uma qualificação e aprimoramento técnico-profissional de tal forma que não sacrifique sua operacionalidade e não comprometa a mentalidade

do homem para emprego em controle de distúrbios civis.

Com menos de três homens, a patrulha montada não poderá funcionar, uma vez que sempre se faz necessário que um dos homens da patrulha sugere as montadas para que se possa atender aos casos em que o homem necessita deslocar-se a pé. Caso a patrulha fosse constituída de dois homens enquanto estivesse atendendo às solicitações do público, o outro teria obrigatoriamente, além de segurar os cavalos, que faz a segurança do companheiro, que ficaria prejudicada. Dessa forma, a patrulha montada não teria condições de realizar uma busca pessoal, uma abordagem em dois elementos suspeitos ou, ainda, em qualquer outra ação onde a presença do policial responsável pela segurança fosse imprescindível, pois diminuiria eficiência da patrulha e a eficácia de sua ação.

O isolamento de uma patrulha acarreta desdobramentos negativos à motivação operacional daqueles policiais, face à rotina que processa no dia a dia, reduzindo a capacidade de ação das patrulhas efetivas e até da força necessária para a sua neutralização.

Ao se deslocarem, as patrulhas, durante o policiamento, devem estar dispostos em coluna por dois, independentemente de seu efetivo, a fim de não prejudicar o tráfego de veículos.

Quanto à distribuição das patrulhas na área, deve-se observar o princípio de que a tropa montada não se dispersa na sua atuação, agindo sempre com concentração de recursos. Em virtude disso, a patrulha montada deve ter uma área reduzida para que facilite uma eventual reunião do pelotão, assim como um apoio rápido de uma patrulha a outra.

A patrulha montada tem também uma atuação diferenciada de uma patrulha motorizada. Por não permanecer condicionada somente às ações determinadas pelos acionamentos através de rádio do COPOM, sua ação de patrulhamento é mais efetiva e constante e, portanto, maior sua ação preventiva, oferecendo à população abrangida

por sua presença em grau de segurança maior e mais efetiva, ao contrário do que ocorre presentemente com o policiamento motorizado, que perde grande parte de seu tempo de patrulhamento com o atendimento de ocorrências pré-irradiada, nas dependências dos mal aparelhados Distritos Policiais.

IV. INFORMAÇÕES: IMPORTÂNCIA NAS OPERAÇÕES

As informações sobre a população, sobre as características físicas do terreno, levantando os crimes mais comuns e o "modus operendi" dos marginais que atuam no local, tornam-se de vital importância dentro da atuação policial militar, quer seja nos simples policiamento, quer no planejamento e execução a alavanca para o aumento da eficácia do trabalho policial.

Essas informações, levadas ao oficial responsável pelo planejamento da operação, determinam a eficiente atuação da tropa. Mas necessário também se faz que o comandante da tropa que vai atuar no local realize seu próprio reconhecimento "in loco" na área. Isso é importante e extremamente necessário, a fim de que o comandante possa ter a plena e exata noção da área, como conhecimento de seus pontos críticos, vias de tráfego e outras peculiaridades do local.

Tudo que tenha influência direta ou indireta na atuação policial deve ser sabido com antecedência, pois permitirá uma decisão rápida, segura e precisa por parte do comandante da tropa.

As operações policiais militares de manutenção da ordem pública como forma de neutralizar os altos índices de ocorrências que extrapolam os limites aceitados como razoáveis, constatados em certas áreas nas grandes cidades, faz com que a atuação do polícia

mento ostensivo e preventivo montado, através dessas operações, e em conformidade com a nova Carta Magna, adotou-se a denominação de Operações Policiais Militares de Preservação de Ordem Pública. Consideradas como policiamento ostensivo e preventivo, sob condições especiais, foram ao encontro do emprego apregoado à tropa hipomontada, conservando suas características e valores necessários à execução de sua missão principal, assim como flexionando a tropa, exercitando os comandamentos nos vários escalões, eliminando a ociosidade e testando os armamentos e equipamentos na operacionalidade, sempre de forma enquadrada.

Sendo as operações definidas de acordo com as necessidades da Corporação, do Comando de Policiamento de Choque e solitação das Unidades de Áreas, caracterizam-se pelo emprego emanado da tropa, com comandante adequado, cumprindo objetivo específicos e em áreas determinadas.

A saturação é o tipo de operação executada com constância em determinado local, com objetivos específicos, como o de reduzir os índices de criminalidade em maior evidência. Além do objetivo policial militar a ser atingido, nota-se nessa prática, pela frequência no local, uma maior aproximação da comunidade com o PM e uma espontânea colaboração mútua.

Há também o impacto, tipo de operação onde o fator surpresa é o essencial. Pode ser feita em vários pontos no mesmo dia, realizando-se o patrulhamento montado por volta de duas ou três horas, conforme a situação do local exija ou permita. O efeito surpresa faz com que as patrulhas se deparem com um número maior de ocorrências. Durante o patrulhamento são feitas várias abordagens em bares, veículos, aos locais e indivíduos suspeitos, com verificação de documentos e de porte de armas brancas e de fogo.

Por fim, existe o bloqueio, outro tipo de operação onde o homem não atua a cavalo, entretanto, a tropa montada pode atuar dentro do campo das operações de polícia em ações especiais na zona rural e urbana, constituindo-se, portanto, numa forma de treinamento

para o homem. Sua finalidade é vistoriar os veículos e seus passageiros em busca de armas ilegais, entorpecentes, veículos furtados, entre outras coisas, ou seja, é um Bloqueio Policial típico de efeito altamente preventivo, mas executado dentro do maior rigor de segurança e atenção.

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

V. TRANSPORTE E COMUNICAÇÕES

Para atuar na periferia de Goiânia o RP Mon necessita de caminhões para transportar seus cavalos até os locais do policiamento, distantes até mais de seis quilômetros da sede, tornando a utilização dos caminhões primordial.

Acima de seis quilômetros, torna-se inviável o deslocamento do policial a cavalo até o local de policiamento, tanto pela perda de tempo no deslocamento de ida e vinda como pelo desgaste provocado aos animais antes do início do serviço propriamente dito.

A dotação de esquadrão na área periférica da cidade diminuiria, com certeza, os gastos com transporte até essa área, porém de mandaria a locação de recursos orçamentários da Polícia Militar nem sempre fáceis de se obter para fazer frente a esse investimento.

Atualmente, o transporte da tropa hipo às localidades acima de seis quilômetros deve ser feito com os caminhões "Big", com capacidade de transporte para dez cavalos, e, em virtude disso, geralmente sair para o policiamento um Pelotão constituído de vinte homens a cavalo (dois "Big"). Esse efetivo também deve estar relacionado com a eficiência do transporte que o Regimento deve apresentar, determinando um ajuste em termos de efetivo de seus escalões de tropa, a fim de permitir um uso mais racional e eficaz dos meios

disponíveis.

O controle da tropa, sua fiscalização, a transmissão de ordens, assim como uma reunião rápida em caso de uma atuação em conjunto ou mesmo a eficiência do próprio policiamento depende, em muito, das comunicações.

A comunicação constante e imediata, quando necessária, confere ao comando estar sempre a par do que está acontecendo na área de ação e em permanente contato com as patrulhas. Isso permite decisões rápidas e oportunas, visando a uma perfeita adequação às necessidades do momento.

As patrulhas devem manter contato com o Comandante do Pelotão através de um hand-talk (Ht), equipamento rádio-transceptor portátil, que pode ser conduzido por um só homem e operado mesmo em movimento. Além disso, o Comandante do Pelotão pode, através do rádio de sua viatura, manter contato com as patrulhas, com os três Batalhões de Choque e com o COPOM, onde possui uma cabine própria.

VI. NECESSIDADE DE MANUTENÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DE TROPA DE CHOQUE

Observa-se que as manifestações populares de protestos , reivindicações, solidariedade e outras são comuns na atualidade , principalmente nos grandes centros urbanos que têm como força incentivadora os meios de comunicação tendenciosos, influenciando profundamente o comportamento e a atividade de grupos sociais, dirigindo-os para violações da ordem pública.

Para isso, deve o Estado, através da Polícia Militar, quando necessário, intervir repressivamente com eficiência e presteza.

"Para tais operações não se deve empregar qualquer tropa , mas sim, uma tropa selecionada e altamente especializada, de moral elevado, fisicamente bem preparada e possuidora de técnicas especiais de controle de tumultos com armamento, equipamento e apetrechos especiais." (5)

Dentro desse contexto, especialmente como tropa de controle de distúrbios civis, a Tropa Montada constitui importante reserva tática do comandante da operação, poder ser empregada nas seguintes

(5) CAMARGO, Luiz Francisco de. Aplicação de força: como empregar a tropa de choque- articulação e apoio recíproco. CAO/I-84.

formas:

a) Ação Preventiva:

-Ocupando a área onde se presume vir a se transformar em palco de manifestação tumultuosas;

-Deslocamento e evoluções como demonstração de força.

b) Aplicação Repressiva:

- Ação de choque propriamente dita;

- Ação de varredura;

- Logo, ao ser uma tropa altamente especializada, todos os esforços devem se concentrar no desempenho de sua atividade operacional principal, evitando-se não só mudanças que comprometam suas características ou que conflitem com estas, como também uma perda de suas qualidades, tão importantes e decisivas nessa atividade.

Entretanto, seu aquartelamento condicionado a um emprego eventual, torná-la-ia uma tropa antieconômica e tendente à ociosidade.

Assim, é plenamente justificado seu emprego na atividade de policiamento ostensivo preventivo montado, uma vez que reduz seu custo operacional, melhorando a relação custo-benefício, evitando também a ociosidade e a longa permanência do homem no quartel. O emprego do policiamento ostensivo consiste, ainda, numa oportunidade para o flexionamento de cavalo e cavaleiro, além de permitir o exercício do comandamento da tropa nos vários escalões, agilizando a dinâmica operacional e testando materiais e equipamento. Contudo, esse emprego não deve descaracterizá-la como tropa de choque a fim de não comprometer a execução da missão principal prevista na sua destinação legal.

VII. EFICÁCIA E EFICIÊNCIA DO POLÍCIAMENTO MONTADO

1. Eficácia

Observações colhidas mesmo que com escárnio, dão conta de que em locais tradicionalmente patrulhados, o cavalo deixa um odor característico e que este mesmo fator, considerado, combatido por alguns modernistas, acaba atuando de uma forma inibidora da criminalidade, fato comprovado quando de eventos onde ocorrem um grande aglomerado de pessoas formando tumultos generalizados e incontroláveis por policiamento a pé ou até mesmo motorizado, são perfeitamente contornados tão somente com a chegada das frações montadas que, em fração de minutos, resolvem o problema sem disparar sequer um tiro ou utilizar-se de qualquer tipo de armamento químico ou equipamento especial.

Se de um lado o cavaleiro, que passa a vida inteira procurando entender e familiarizar-se com o entre misterioso cavalo, conseguindo transmitir e receber confiança do mesmo, o que dizer de um civil que nasceu na "selva de concreto", chamada cidade?

Acaba sentindo pelo animal um mito de temor e respeito que prefere evitar. Lembramo-nos do mitológico "Centauro", meio homem meio cavalo, que venceu uma guerra sob a imagem do cavalo, tal qual

o moderno Policial Militar Montado.

Cavaleiro e cavalo constituem um conjunto, afirmam no RP Mon. "Um eficiente conjunto", acrescentamos.

2. Eficiência

O cavalo lançado diariamente nos centros das grande cidades e periferias, convivendo com ônibus, caminhões, tratores, automóveis, pedestres, ciclistas e enfim, com adversidades de toda ordem, fica mais adestrado e em condições de atuar tanto no patrulhamento normal com tropa de choque ou desfiles cívicos. Homem e animal bem treinados e bem equipados, significam eficiência, proporcionando segurança e tranqüilidade à população.

Porém, não se deve alimentar as idéias de pessoas não comprometidas com o espírito de união que devem perdurar entre os componentes da Corporação, no sentido de colocar o policiamento a cavalo contra os demais tipos de processos de policiamento existente na mesma esquecendo-se que essa compilação só existe na cabeça de pessoas mal informadas e de mente poluída pois, cada tipo ou processo de policiamento seja ele a pé, montado, motorizado e velado fazem parte do contexto operacional da PMGO, e cada um deles contribui para que a nossa missão de "vender segurança à comunidade" seja cumprida atendendo a todas as camadas e ao poderes constituídos do nosso Estado.

Dessa forma, verifica-se que, em termos de espaços percorridos, o policiamento a cavalo fica exatamente entre os policiamentos a pé e motorizado, mas com a vantagem sobre esses dois últimos em termos de presença, pois o homem a cavalo, pelo seu posicionamento mais elevado, tem um melhor campo de visão, ao passo que o policial a pé tende a desaparecer na multidão e a viatura, muitas das vezes, fica preso na corrente de tráfego e multidão.

Continuando nossa comparação, convém salientar que além da vida útil do cavalo ser superior à da viatura, torna-se antieconômico a sua manutenção segundo comprovações de órgãos técnicos.

VIII. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

O objetivo da pesquisa é comprovar a eficiência e eficácia do Policiamento Montado dentro do Contexto Operacional da Polícia Militar, bem como detectar os motivos de tamanha falta de visão sistêmica dentro da própria PMGO e que trazem como consequência, o errôneo conceito de que o cavalo era sinônimo de involução e que deveria ser banido do contexto operacional, por ter seu uso restrito às periferias, favelas e operações de choque.

Alguns policiais militares e civis mal informados, chegam mesmo a afirmar que o RP Mon só existe por respeito à tradição, esquecendo-se que tradição é sinônimo de experiência comprovada, desconsiderando, com isso, todo o trabalho eficiente e eficaz em prol dos objetivos maiores da Corporação e sociedade no sentido de proporcionar segurança objetiva e subjetiva à população.

Existe, na maioria das vezes, uma desinformação reinante entre os próprios militares da Corporação, que faz com que alguns companheiros(as) de fardas venham a tecer comentários desvairados sobre o que não tinham conhecimento, mesmo tendo um policiamento eficaz e eficiente em seu apoio até com receio de que venham a ser ofuscados na execução do seu serviço policial militar, perdendo terreno para o Policiamento a cavalo.

Pretende-se ainda, com a presente pesquisa, melhorar e am -

pliar cada vez mais a prestação de serviços na área de segurança Pública, no tocante a Policiamento Montado, tanto na área central como na periferia da nossa capital e cidades do interior.

Com base no que ficou evidenciado, a presença do policiamento montado é bem recebida pelo público em geral, principalmente as autoridades civis e responsáveis por promoções de grande envergadura (show, jogos de futebol e demais atividades esportivas) e o nosso próprio Governador de Estado não abre mão do Policiamento Montado nas principais ruas e avenidas da nossa Capital, principalmente, nas avenidas Goiãs, Araguaia e Tocantins.

A presença do PM a cavalo proporciona ao público externo uma sensação de segurança subjetiva pela presença e objetiva quando intervem em ocorrências policiais militares.

Existe uma tendência do público externo em preferir o homem a pé na porta de seu estabelecimento comercial ou residências por achar que, em assim sendo, o mesmo ficaria fixo, esquecendo-se que hoje em dia é impossível, pois o Estado não tem como manter um efetivo, policial militar suficiente, para tal, tendo em vista o índice populacional ora reinante em nossa capital e cidades pertencentes a grande metrópole goiana.

O público externo acha que seria necessário uma reestruturação no sistema de policiamento, afim de acompanhar a evolução dos tempos, readaptando os seus meios aos dias atuais.

IX. PROPOSTAS

1. Criar uma comissão para efetuar estudos no sentido de se baixar diretrizes, normas e até um manual sobre a coordenação, controle e emprego do Policiamento Hipomóvel na PMGO, pois até hoje nada de concreto existe sobre o tema, fazendo com que o RP Mon fique sujeito à orientação e ordens de pessoas que desconhecem total ou parcialmente o assunto ou então as normas ou regularmentos' de outras coirmãs e até mesmo do Exército Brasileiro que utiliza a cavalaria não para os fins para os quais foi criada.

2. Estudar uma maneira de melhor relacionar o homem de cavalaria, para que não ocorram fatos como o de que, mais ou menos de noventa por cento dos policiais militares formados na OPM ou que possuem cursos e estágios de cavalaria, estejam fora de suas fileiras. Pode-se comprovar de que alguns só utilizam o RP Mon como forma de trampolim para outras POM, citando que, muitos deles, só visam ao cunho particular, ou seja, receberem diárias e outras benesses.

3. Recorrer as autoridades competentes, para organizar re cursos materias necessários para que a unidade possa produzir me lhor, nos campos operacionais e administrativos.

4. Promover estudos no sentido de analisar se a Sociedade Hípica de Goiânia, que ocupa mais da metade de nossas instalações, traz ou não benefícios para a nossa estrutura policial militar.

5. Promover a seleção e especialização do homem de cavala

ria através de cursos e estágios, visando às áreas específicas de montaria, enfermagem, veterinária, ferrageamento e aprumo de cascos e operacionalidade. Uma vez especializado, terá condições de exercer as suas funções e não desejar pleitear transferências para outros tipos de serviço ou até mesmo para outras unidades operacionais da Corporação.

6. Equipar a unidade com os meios necessários para que esta venha a atender as finalidades a que se destina no tocante à armamento, animais, viaturas e instalações específicas de cavalaria para que se possam alcançar as metas vislumbradas pela administração da Corporação.

7. Criar uma tropa de choque da arma de cavalaria, para atender às necessidades operacionais especiais, podendo ser um Esquadrão ou Pelotão Operacional, dotando-a dos meios necessários para o cumprimento da missão.

8. Estabelecer uma política de reprodução de animais bem estruturada, para que a Unidade possa tornar-se auto-suficiente em matéria de plantel, relacionando raças para atender às necessidades tocantes a parte, docilidade, agilidade e resistência.

9. Promover concurso para contratação de, pelo menos, dois médicos veterinários para dar maior assistência à nossa tropa, visto que a unidade só dispõe, atualmente, de um profissional do ramo e, mesmo assim, pertence aos quadros da Secretaria de Agricultura, prejudicando sensivelmente a assistência médico-veterinária aos animais.

10. Promover estudos no sentido de se delimitar "Áreas de Atuações do RP Mon" no tocante a "Locais Próprios" de se policiar, usando como meio de locomoção o cavalo, evitando assim, que sejam desvirtuadas as finalidades para as quais a unidade foi criada. Isso para acabar com atitudes de pessoas componentes do escalão do governo e até mesmo dentre os nossos companheiros, que não conhecem as características desse nobre processo de policiamento, venham solicitar ou até mesmo ordenar que se coloquem duplas ou trios de cavalarias nas portas ou imediações de suas casas ou nos locais de trabalho, somente porque os acham bonitos ou para manterem status.

C O N C L U S Ã O

A dificuldade da pesquisa sobre uma utilização racional do cavalo foi muito grande, uma vez que nenhuma obra sobre conhecimentos de eqüitação foi produzida ultimamente no país, a não ser tentativas mais ou menos incompletas.

Como a eqüitação é um misto de Ciência e Arte, ficando muitas vezes a sua aplicação a mercê das limitações dos conhecimentos e aptidões de certos cavaleiros, há muita controvérsia na descrição dos processos a empregar da sua aplicação prática e, principalmente no que se refere à adaptação do cavalo.

Portanto, existe ainda um caminho repleto de obstáculos cabendo ao eqüitador a escolha do melhor método de treinamento compatível com as qualidades intrínsecas do seu cavalo.

O trabalho proposto quando da sua criação, em que pesem vários estudos realizados e, após terem provado a grande eficiência do policiamento a cavalo, não surtiram o efeito necessário no sentido de sensibilizar as autoridades ligadas à área administrativa da segurança pública do nosso Estado. Alegaram ser oneroso aos cofres públicos a sua manutenção exclusiva por isso, foi transformado em unidade operacional de policiamento integrado, vindo a oferecer uma modificação radical em sua estrutura administrativa, operacional.

Não fugindo à regra, o RP Mon, além de sofrer as modificações citadas, continua até os dias de hoje sofrendo os reflexos causados pelo seu enfraquecimento operacional, ficando no meio-termo, sem unidade especializada nem unidade operacional integrada. Desta forma, executa o policiamento montado e também os demais existentes no contexto operacional sob sua responsabilidade exceto os de trânsito urbano e rodoviário, polícia florestal, operações especiais e destacamentos policiais militares.

Mesmo enfrentando os problemas advindos com nossas mudanças implantadas pela nova política administrativa, a unidade adaptou-se totalmente às diversas frentes de serviço dentro das normas e diretrizes traçadas pelo Comando Geral da Corporação, contribuindo com sua parcela para que sejam alcançados os objetivos colimados pela nossa Corporação.

Em que se pesem os óbices, o que não são poucos, o desempenho da unidade de cavalaria do RP Mon vem sendo um exemplo de luta garra, despreendimento e renúncia dos seus homens, pois lutam contra tudo e contra todos para que possam contribuir com sua parcela no bojo geral da segurança do nosso Estado. É um trabalho desconhecido por poucos, conhecido pela maioria das autoridades e pessoas ligadas a segurança e, principalmente, pelo menos favorecidos que moram na periferia da nossa capital. E lá, onde dificilmente a viatura ou até mesmo o homem a pé pode adentrar, que reina o cavalariano, com o seu amigo inseparável "o cavalo", que chegam para, pelo menos, amenizar o infortúnio daquela gente sofrida que mais sente a falta de segurança, visto que, os acessos àquelas localidades não são prejudicados em razão da falta de infra-estrutura ou pelas intempéries do tempo.

Avalia-se também, o desempenho do RP Mon no contexto operacional PM, quando se verifica junto a pessoas e autoridades que lidam diretamente com grandes eventos tais como: Shows Artísticos, Jogos de Futebol, Exposição Agropecuária (Capital e interior) Parque de Diversões e outros, pois são essas pessoas que sofrem os reflexos

positivos ou negativos dos eventos que promovem porque os testemunhos deles valem muito e servem de referência para avaliarmos nosso desempenho.

A despeito do pensamento de alguns, a tropa RP Mon constituiu uma vanguarda na sua contribuição para a eficiência de toda a PMGO no seu mister de "vender segurança" para a comunidade goiana.

Assim é que, no decorrer do nosso trabalho, concluiu-se ' que grande parte do prestígio hoje desfrutado pela PMGO, considerada exemplo perante as nossas coirmãs, deve-se ao trabalho anônimo e impessoal desenvolvido, há muito, pelos modernos e audazes cavalarias nos. E que, no decorrer da primeira década de existência no nosso contexto operacional, souberam preservar e manter-se lado a lado com a máquina, na difícil tarefa da preservação da ordem pública e segurança da comunidade dentro do nosso Estado.

Daí, porque sempre acreditamos na eficácia e eficiência do policiamento montado. Importa, contudo, torná-lo planejado e executável de forma sistemática, isto é, não eventual como existe hoje em dia, sem nos esquecermos que, como já foi acentuado no transcurso ' do trabalho "Segurança não tem preço".

B I B L I O G R A F I A

01. CIRILO, Lélío de C. Manual do Cavaleiro, I, II e III.
 02. HONTANG, Maurice. A Psicologia do Cavalo, I, II e III, São Paulo , Ed. Globo, 1971.
 03. ASTI VERA, Armando. Metodologia da Pesquisa Científica: Porto Alegre, 1976.
 04. AUTTIS LTSADT, Ernest. Entrenamiento Del Cabollo. Buenos Aires , 1976.
 05. MANUAL DE POLICIAMENTO MONTADO, MP-11-11-PM, PMMG, Belo Horizonte 1981.
 06. MANUAL BÁSICO DE POLICIAMENTO OSTENSIVO, IGPM, Porto Alegre-RS.
 07. OLIVEIRA, Júlio. Aponstamentos de Eqüitação. Porto, Indústria Gráfica do Porto, 1923.
 08. Relatórios Quadrimestrais das Atividades do RP Mon, Goiânia , 1990-1991.
 09. SALVADOR, Ângelo Domingues. Métodos e Técnicas de Pesquisas Bibliográficas, Elaboração de trabalho científicos, 8.ed., Porto Alegre, Sulina, 1980.
 10. SCHRADER, Achim. Introdução à Pesquisa Social empírica; um guia, para o planejamento, a execução e avaliação de projetos de pesquisa não experimental, Porto Alegre, Globo, 1971.
-

11. SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico ,
diretrizes para o trabalho científico-didático na universida
de, 5a. ed., São Paulo, Cortez & Mosões, 1980.
12. OLIVEIRA, Gen. Júlio de. Notas e Reflexões Equestres: Lisboa ,
Ed. Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1945.
13. VIEIRA, José Jorge. Manual Básico de Polícia Militar, Goiânia ,
1985.
14. SÉRVULO, FRANCISCO DE ASSIS. AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO RPNOM NO CONTEX-
TO OPERACIONAL PM E UMA NOVA PROPOSTA, 1ª EDIÇÃO, MONOGRAFIA DO
CAO, 1991, APM/PMGO. GOIÂNIA-GO.